



## **SURTO DE *Benedenia* sp. EM PEIXES MARINHOS NO AQUÁRIO DE UBATUBA, SP**

PAULA BALDASSIN<sup>1</sup>, Reinaldo José da Silva<sup>2</sup>, Juliana Freddo<sup>3</sup>,  
Max Rondon Werneck<sup>4</sup>, Hugo Gallo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Aquário de Ubatuba, Ubatuba; SP, [aquariovet@uol.com.br](mailto:aquariovet@uol.com.br) ; <sup>2</sup> Depto. Parasitologia, IB/UNESP, Botucatu - SP; <sup>3</sup>Mestre em Cirurgia (Setor de Oftalmologia) pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP; <sup>4</sup>Fundação Pró-Tamar, Ubatuba; SP

O Aquário de Ubatuba mantém mais de 100 espécies de peixes marinhos. Entre os parasitas que podem afetar esses animais estão as espécies do gênero *Benedenia* (*Trematoda*, *Monogenea*). Estes monogenéticos são ectoparasitas que se alojam principalmente na córnea, podendo infestar todo o corpo do animal. O objetivo do presente estudo é relatar um surto de *Benedenia* sp. em peixes do Aquário de Ubatuba, SP. Oito espécies de peixes marinhos foram infestadas: *Holocentrus ascensionis* (Jaquariçá), *Epinephelus marginatus* (Garoupa), *Chromileptis altivelis* (Garoupa pintada), *Mycteroperca actirostris* (Badejo mira), *Priacanthus arenatus* (Olho de cão), *Balistoides conspicillum* (Cangulo palhaço), *Chaetodipterus faber* (Enxada) e *Equetus umbrosus* (Chapelão). O principal sinal clínico observado nesses peixes foi inquietação causada por irritação, o que levava os animais a esfregarem os olhos nas pedras, causando opacidades localizadas na superfície da córnea e leve edema corneano. Quando muito infestados os animais apresentavam flutuabilidade pendular de superfície com respiração ofegante e apatia. Amostras dos parasitas foram coletadas, fixadas em AFA e analisadas no laboratório de Parasitologia do IBB-UNESP. A análise morfológica do helminto demonstrou que este monogenético pertencia ao gênero *Benedenia*. O procedimento empregado para a eliminação do parasita consistiu em um banho de água doce, previamente filtrada, com duração de 1 a 3 minutos, dependendo da sensibilidade do peixe. Em decorrência da diferença de osmolaridade o parasita morre e, conseqüentemente, solta-se do corpo do animal. Não foi possível fechar o ciclo de vida deste parasita no Aquário, pois não sabemos sua procedência, sendo este relato inédito. Atualmente estamos descapsulando as artêmias (*Artemia salina*) utilizadas na alimentação para evitar uma possível contaminação por fornecedores externos, desinfetando com cloro e água doce todos os fomites utilizados nos aquários e seguindo um tratamento de quarentena para os novos indivíduos.

Agradecimentos: Alcon